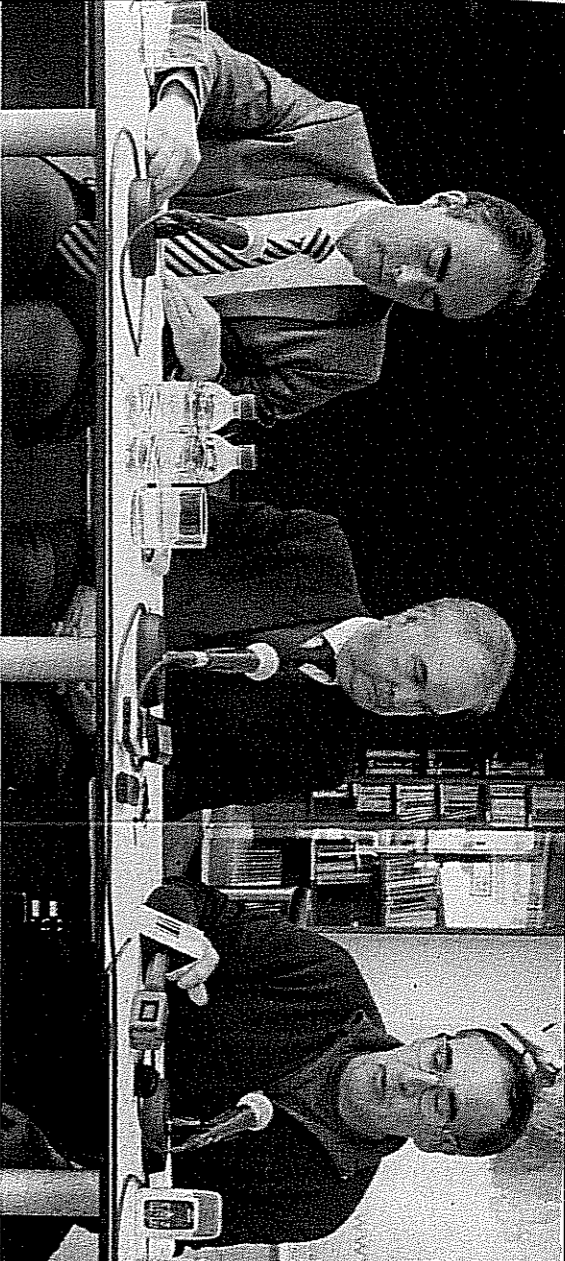


Culturas



Concerto flautístico na Fundação Lapa do Lobo
 Concerto flautístico da Sociedade Flautística "Fraternidade" de São João de Acre, domingo, às 18h00, no Auditório e Jardim Fundação Lapa do Lobo, em Caras de Santarém.

Destaque



Carlos Marta, Américo Nunes e Paulo Ribeiro apresentaram o projeto no Teatro Viriato

“Viseu A” anima centro da cidade durante 24 horas

Iniciativa → Várias artes performáticas invadem a cidade ao longo do dia 1 de junho

“Viseu a 01 do 06” vai trazer arte e cultura ao centro da cidade de Viseu durante as 24 horas do dia 1 de junho.

A iniciativa, apresentada na segunda-feira, 6, e promovida pelo Teatro Viriato, conta com seis espetáculos de várias artes performáticas que ao longo do dia, vão animar largos e praças, num convite à descoberta do território.

A dança, o teatro, a música, o novo circo e o flautambulismo vai invadir Viseu, desde o Parque Aquilino Ribeiro, passando pela Praça da República e pelo Adro da Sé até ao Largo Mouzinho de Albuquerque.

Das 10h00 às 10h00, o “Viseu a 01 do 06”, marca presença no Rossio com “Uma Carta Coreográfica”, um olhar de Madalena Victorino sobre o movimento, o corpo e a dança. Dez artistas interagem e convidam a uma visita coreográfica ao próprio corpo, com ideias, sons, imagens e histórias.

O Parque Aquilino Ribeiro recebe, às 10h00, uma performance da cooperativa PIA – Projetos de Intervenção Artística. “Passagem” convida à contemplação de “um fascinante mundo novo de enorme poesia visual”, com recurso ao teatro físico em andas e à máscara.

Depois, na Praça D. Duarte, a companhia francesa Les Blues de Travail apresentará “Le voyage de nocces”, pelas 18h00. Segundo Paulo Ribeiro, consiste num “passo turbulento e hilarante protagonizado por um casal atpico, um cão em balsamado e um Fiat 500 caprichoso”.

A noite, o Adro da Sé acolherá, pelas 21h00, “Uma linha no céu... lembrando João Torto”, com Olivier Roustan, “um francês que é uma referência do funambulismo internacional”.

Paulo Ribeiro contou que Olivier Roustan fará a travessia entre a Igreja da Misericórdia e a Sé em cima de uma corda, ao som de um repertório tocado pela Banda Filarmónica de Ribaifeia e por alguns músicos do Conservatório Regional de Música de Viseu, orientados pelos Drumming.

O dia de festa acabará com a “Orquestra todos”, um projeto nascido em Lisboa e que apresenta “músicos fantásticos de origens diferentes, com instrumentos clássicos e outros, que eles inventaram”, acrescentou.

O diretor do Teatro Viriato explicou que, este projeto “pretende afirmar-se como uma marca distintiva e contagiante, com evidente impacto na promoção da região”, e convidá à participação “os habitantes da cidade, de todas as idades e quadrantes, assim como comerciantes, agentes turísticos e o tecido empresarial local, para que se transforme numa enorme experiência de qualidade cultural e contemporânea”.

Depois deste dia de festa, o projeto irá “extravasar para conceitos vizinhos”, criando “projetos com as comunidades, baseados na relação com os materiais, com as problemáticas e com os imaginários resgatados da região”, e serão convidadas “companhias nacionais e estrangeiras para transformar espaço público deste território em cenário para os seus espetáculos”.

D’depois deste dia de festa, o projeto irá “extravasar para conceitos vizinhos”, criando “projetos com as comunidades, baseados na relação com os materiais, com as problemáticas e com os imaginários resgatados da região”, e serão convidadas “companhias nacionais e estrangeiras para transformar espaço público deste território em cenário para os seus espetáculos”.

O “Viseu a 01 do 06” é um projeto que envolve cerca de 300 mil euros e foi candidatado pela Comunidade Intermunicipal (CIM) Viseu Dão Lafões, presidida por Carlos Marta, ao Programa Operacional Regional do Centro.

Carlos Marta explicou que a CIM vai dar a participação nacional do projeto – 20%, cerca de 60 mil euros – porque os 14 municípios que a integram, “num trabalho de rede e de grande cooperação, perceberam que era importante este financiamento”, para mostrar as potencialidades da região e “o talento, a criatividade e a inovação” dos seus artistas.

Micaela Costa

O som e a fúria



Marta da Graça Carito Moriz

Uma ditadura interior

Em Portugal, o quarto poder (além dos outros três) tem vindo a perder imensa legitimidade. Ou seja: já se fez melhor jornalismo. E não me refiro só ao jornalismo televisivo, falo do geral. Lêem-se, ouvem-se e vêem-se poucas jornalísticas com pouca fundamentação, recorrendo a uma só fonte, quando sabemos que em todos os assuntos há sempre um reverso da medalha. Pensemos, por exemplo, nas reportagens dos incêndios. Só se mostra umas chaminhas, umas velhinhas a chorar, os bens que perderam e não se faz nenhuma contextualização dos incêndios que estão a tratar. E as perguntas? “como se sente?”; “perdeu muita coisa?”; “o que vai fazer?”

Recentemente, lembro-me de dois casos que me deixaram profundamente irritada: a notícia do jornal “I” de que um ex-colega do avô do Vítor Gaspar esteve na manifestação da UGT, do passado dia 1 de Maio. Não vale a pena sublinhar o valor deste tipo de informação porque ele é, na verdade, inexistente... E os restantes ministros? Há investigar isso senão... Senão o quê? A segunda foi, na passada sexta-feira, quando liguei a televisão à hora de almoço (só tenho os quatro canais por razões de “hierarquia” paternal) e me deparei com uma peça jornalística extraordinária: andavam eles a crandar pela Rua Augusta, em Lisboa, e

a questionar (a palavra correta é explorar) a reação das pessoas à nova nota de 5 euros. O jornalista não andava com meias medidas, era até bastante direto sobre aquilo que andava a investigar: “olhe, vou agora tirar a nova nota de 5 euros para ver a sua reação”. Adorava que me perguntassem a porque das duas, uma: ou virava costas ou reagia exageradamente. Até era capaz de me tornar VIP por causa disso.

Esta exploração do sentimento alheio, este sensacionalismo, tem uma razão: a competitividade. Não só há mais jornalistas do que vagas como, também, os próprios meios de comunicação se tornaram mais competitivos. A internet, claro está, não ajudou grande coisa. É a competitividade que leva a que, por vezes, a informação seja manipulada na procura de maior tempo de antena. O sensacionalismo vive de sentimentos, é visto em notícias de carácter violento ou, quando não as há, inventa-se um qualquer sentimento violento (na nova nota de 5 euros, porque não?) que desvirtua completamente o storytelling dos factos.

Numa época dita de democracia, em que podemos aprender tanto, mas tanto, com a quantidade de informação que circula parece que vivemos numa ditadura interior que, além de bloquear o nosso desenvolvimento pessoal, bloqueia, sobretudo, o nosso país.